



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA LÚCIA DA SILVA SOUSA

**O PAPEL DO PROFESSOR(A) NA LEITURA E NA ESCRITA DOS
ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA
ESTADUAL PROFESSORA CONCITA BARROS EM JOÃO
PESSOA/PB.**

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

MARIA LÚCIA DA SILVA SOUSA

**O PAPEL DO PROFESSOR(A) NA LEITURA E NA ESCRITA DOS
ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA
ESTADUAL PROFESSORA CONCITA BARROS EM JOÃO
PESSOA/PB.**

Monografia apresentado ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientadora: Profª. Ma. Simone Joaquim Cavalcante

JOÃO PESSOA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725p Sousa, Maria Lúcia da Silva

O papel do professor na leitura e na escrita dos alunos do 3º ano do ensino fundamental da escola Estadual Professora Concita Barros [manuscrito] : / Maria Lúcia da Silva Sousa. - 2014.

35 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Simone Joaquim Cavalcante, Departamento de História".

1. Professor. 2. Leitura/Escrita. 3. Aprendizagem. I. Título.

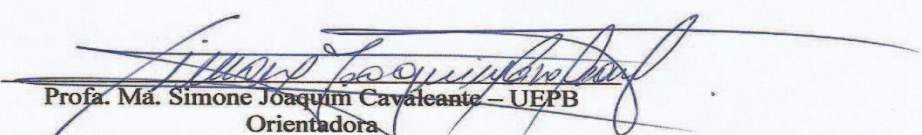
21. ed. CDD 374.4

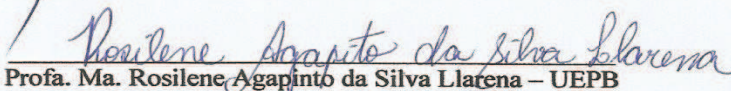
MARIA LÚCIA DA SILVA SOUSA

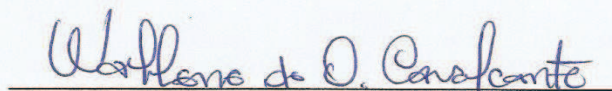
**O PAPEL DO PROFESSOR(A) NA LEITURA E NA ESCRITA DOS
ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA
ESTADUAL EM JOÃO PESSOA/PB**

Monografia apresentado ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em: 19.07.2014


Prof.ª Má. Simone Joaquim Cavalcante – UEPB
Orientadora


Prof.ª Ma. Rosilene Agapinto da Silva Llatena – UEPB
Examinadora


Prof. Esp. Wallene de Oliveira Cavalcante – UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico a todos que contribuíram para a concretização deste trabalho a minhas filhas: Larisse e Laíse. A minha colega Goret. E aos meus alunos e alunas.

AGRADECIMENTOS

A Deus porque nele encontro forças e luz para enfrentar os desafios.

Ao Excelentíssimo senhor Ricardo Vieira Coutinho, governador do nosso estado que proporcionou esse curso a todos os profissionais da educação.

A minha orientadora Professora Simone Joaquim Cavalcante que com muita sabedoria e paciência direcionou todo seu conhecimento e experiência afrente deste trabalho de orientação.

A todos as professoras que lecionaram em minha turma.

E a todos os integrantes da instituição UEPB.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo incorporar práticas de leitura e escrita, fazendo uma abordagem geral sobre a interferência dessa ação no contexto escolar, possibilitando diversas interações na construção do aprendizado em consonância com os referenciais teóricos que estreitou caminhos para que a reflexão acontecesse e o ensino-aprendizagem da leitura e escrita se tornasse algo prazeroso. O foco deste trabalho foi direcionado aos alunos (as) do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Prof.^a Concita Barros, que visa promover atividades integradas à leitura, compreensão, escrita, entrevista, pesquisa. Tais competências são uma das condições fundamentais para o exercício pleno e crítico da cidadania. Após todo o estudo feito com a turma entre análise e reflexões sobre o processo de aprendizagem com vista a temática da leitura e escrita, foi pesquisado em referenciais teóricos que sugeriam proposta de como adentrar nesse universo escolar. O estudo versou a partir de Freire (1989; 1996), Martins (1991), Jobim (1994), entre outros.

Palavras-chave: Professor (a). Leitura/Escrita. Aprendizagem.

Sumário

INTRODUÇÃO	08
UMA REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	14
Reflexões teóricas sobre o processo de leitura/escrita	14
Concepções ensino-aprendizagem na infância e seus processos de leitura e escrita.....	14
UMA REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	22
Práticas e reflexões pedagógicas de leitura e escrita o papel do professor(a) e sua intermediação	22
Processo de leitura e escrita na infância.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”
(Paulo Freire)

No período de 2013 a 2014 vivenciamos uma experiência bastante proveitosa no Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, promovido em parceria entre a Secretaria de Estado da Educação (SEE) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), foi um tempo de muitas aprendizagens e trocas de experiências. Após o término das aulas presenciais, iniciamos a preparação para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na modalidade de Monografia, orientada pela professora Simone Joaquim Cavalcante, trabalho este ao qual iremos ao longo dessa trajetória nos debruçar.

No entanto, não poderíamos deixar de registrar um breve histórico dessa trajetória de qualificação profissional, em que tive a oportunidade de experienciar, bem como, apresentar um panorama da minha própria trajetória profissional ao longo de 25 anos de prática docente. Pois, através das leituras constantes, das observações em dentro e fora da sala de aula e da minha vivência também em sala de aula na escola em que atuo, enfrentando o desafio de fazer com que as crianças aprendam a ler, compreender, escrever, calcular e, sobretudo, serem cidadãos e cidadãs, que me ponho e coloco-me como Paulo Freire (1989), bem ressalta como *ensinante-aprendiz*, pois, “este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida” (idem, p. 58), assim se constitui os desafios no universo da educação.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) nos agraciou quando abriu suas portas para que esse curso acontecesse de forma tão satisfatória (pelo menos a meu ver), um curso que nos favoreceu grandes descobertas, através da interação com o *outro*, a tecnologia e com a perspectiva de desenvolvermos sempre com mais desenvoltura nossa prática-pedagógica uma abordagem interdisciplinar; a pesquisa, a leitura e outras fontes de aprendizados, compartilhados que hora adquirimos. Compreendemos que nunca foi tão fundamental buscar o *saber*, como solucionar informações, interpretá-las de acordo com seus

contextos e transformá-las em conhecimentos, em um processo em que a aprendizagem é uma necessidade contínua, sem a qual se corre o risco de uma *não participação* efetiva na sociedade.

O Curso de Especialização, que hora concluímos, nos proporcionou um grande enriquecimento, onde nossas ações no setor profissional e pessoal teve um avanço positivo, isso porque fomos incentivadas pelos professores e professoras que ministraram as aulas durante o curso, a buscar o novo, o “essencial” para que nossas práticas em sala de aula fossem renovadas em prol da construção do aprendizado participativo e interdisciplinar, em que a criatividade prevaleça no âmbito das ideias e que vão sendo exploradas constantemente.

Levando em consideração a minha trajetória profissional, isso fez-me e continua a fazer-me refletir sobre a minha atuação na área da educação especificamente sala de aula, portanto, é através dessa oportunidade, que resolvi escolher esse tema: “O papel do professor(a) na leitura e na escrita na turma do 3º ano do Ensino Fundamenta entre 8 e 9 anos de idade, os desafios enfrentados cotidianamente conduziu-me a escolha por esse tema para poder melhor desenvolver minhas atividades, visando atender as necessidades dos alunos e das alunas; desperta-los o gosto pela leitura e pela escrita, assim procuro incentiva-los(as), através da exposição de leitura de várias tipologias textuais, tais como: “conto e reconto”, “história em quadrinhos”, “caça-rimas”, além de textos instrucionais¹ entre outros que descreveremos ao longo deste estudo.

Considerando pensar em educação, letramento e linguagem como importante ferramenta para a formação de um indivíduo, faz-se necessário pensar na aquisição de desenvolvimento da oralidade e da escrita, vivenciada por alunos (as), é importante considerar que esse aprendizado aconteça a partir da interação e da troca de experiências com o outro fazendo com que as crianças sintam o prazer de executar atividades que incluem a leitura, a compreensão, interpretação, a boa convivência e aprendam a registrar esse aprendizado,

¹Distribuo as crianças em círculos sentados, onde, apresento os textos. Fazemos leitura coletiva, depois compartilhada em seguida explorando as informações contidas, com isso eles/elas vão socializando o aprendizado acerca da discussão das histórias apresentadas, entre outras atividades que exigem raciocínio lógico, e que venha viabilizar a construção de um campo de possibilidades ricas e diversificadas de interação entre as crianças, proporcionando um planejamento participativo, responsável pelo diálogo e prazer, despertando o interesse dos educandos(as), possibilitando uma intervenção pedagógica específica nas áreas descritas.

porque sabemos que as práticas desses exercícios estão presente em nosso dia-a-dia de forma articulada. Uma contribui para o desenvolvimento da outra.

Na infância a criança se expressa de forma espontânea suas fantasias e constrói um mundo de imaginação compartilhando esses momentos de modo bastante criativo, eles (as), relatam fatos e acontecimentos da comunidade onde vivem. Solange Jobim (1994) retrata esse mundo da criança com muita clareza na expressão de que através do conhecimento daquela situação ela constrói e representa a fala a partir daquela realidade e passa a se sentir um sujeito capaz de ser transformado (a) pelo seu modo de agir e estar no mundo.

A linguagem tem uma importância fundamental na vida de todos os sujeitos e é por meio dela que a criança formula as situações ocorridas no meio onde ela vive. De acordo com Guatari (1987), apud Jobim (1994), em suas observações sobre o comportamento dos adultos em relação ao desempenho das crianças, pude entender que ele se dirige aquela criança que está em fase de aprendizado, de descobertas e que tende a estar sempre em movimento as ideias com pleno desejo de se expressar, porém, os adultos muitas vezes as reprimem, as censuram por não terem talvez uma consciência plena de que nós também podemos aprender com elas e que através, delas poderíamos ter uma nova compreensão e uma nova visão a partir do olhar curioso de uma criança que muitas vezes ficam escondidos por trás de uma aparência tão fragilizada.

A partir das reflexões de Bakhtin (1981) apud Jobim (1994, p.52), mostra que “em cada pessoa, há um potencial de sentido que necessita ser desvendado”. E isso gera uma discussão que nos remetem a pensar no outro como sujeito que detém o conhecimento e que os mesmos devem serem ampliados, valorizados de modo que possamos nos posicionar diante da realidade. Esta discussão vai nortear toda a dinâmica que envolve todo o processo de construção do aprendizado que envolve educandos e educadores.

A proposta do professor(a) enquanto mediador(a) do saber é propor diversificadas formas de atuação em relação ao tempo, a rotina diária, ao atendimento individualizado e a materiais: jogos e dinâmicas. Ele(a) deve acompanhar e mediar essas atividades realizadas pelas crianças, analisando com elas avanços e dificuldades, criando mecanismos diferenciados para gerar aprendizagens, levando em conta o processo de construção, raciocínio, atitudes e comprometimento com todas as ações que venham permear todo o ambiente. Porém, cabe ao educador planejar as aulas, focando-se nas habilidades e

competências que vai desenvolver, para que seus alunos(as) se transformem em sujeitos ativos da aprendizagem, autodisciplinado e motivados. E para promover essa aprendizagem o professor(a) deve exercer sua função de sujeito ativo sabendo aonde quer ir e onde quer chegar.

O processo da construção de conhecimento é baseado em muitas análise e reflexões, o ideal é que essas reflexões sejam vivenciadas de forma consciente, para que todos os envolvidos possam gozar do pleno direito de conquistar esse conhecimento.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) nos agraciou quando abriu suas portas para que esse curso acontecesse de forma tão satisfatória (pelo menos a meu ver), um curso que nos favoreceu grandes descobertas, através da interação com o *outro*, da tecnologia com a perspectiva de desenvolvermos sempre com mais desenvoltura nossa prática-pedagógica uma abordagem interdisciplinar; a pesquisa, a leitura e outras fontes de aprendizados, compartilhados que hora adquirimos. Compreendemos que nunca foi tão fundamental buscar o *saber*, como solucionar informações, interpretá-las de acordo com seus contextos e transformá-las em conhecimentos, em um processo em que a aprendizagem é uma necessidade contínua, sem a qual se corre o risco de uma *não participação* efetiva na sociedade.

Atualmente temos vivenciado rápido processo de transformação sofrido pelas sociedades contemporâneas que vem demandando a busca pela construção de um mundo mais inclusivo em que a solidariedade e o respeito às diferenças sociais, econômicas e raciais, sejam valores cultivados por todos e todas.

Durante as aulas presenciais do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares foi feito um estudo realizado dentro do contexto da especialização e foram trabalhadas várias disciplinas, cada uma com uma abordagem e metodologia voltada para aquela temática.

No decorrer do curso as disciplinas foram ministradas com vistas para uma aprendizagem voltada para o desempenho do professor(a) nas práticas pedagógicas. Pois sabemos que a socialização de ideias deve estar centrada na escola, porque ela tem o papel de se empenhar para a construção da cidadania por meio de uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social dos direitos e responsabilidades.

A escola como primeiro espaço social de vivência do aluno(a) deve promover a solidariedade, a cooperação, o repúdio às injustiças desenvolvendo neles(as) a noção de auto respeito e respeito aos outros. Deve ainda incentivar a prática do diálogo, orientando-os a utilizar as diferentes linguagens.

Porém, foi na disciplina “Sujeito, Cultura e Contemporaneidade²” que despertou-me para fazer essa abordagem reflexiva sobre o artigo “Identidade culturais juvenis e escolas: arena de conflitos e possibilidades” de Paulo Carrano (2008), que trouxe uma discussão voltada para uma realidade social, cultural e escolar e que essa problemática é vivida dentro do ambiente onde envolve adolescentes e jovens que se perpetuam nesta sociedade contemporânea, onde os conflitos gerados são transferidos para dentro dos espaços escolares, os sujeitos tidos como conflituosos “mal vistos”, são rotulados de desinteressados, indisciplinados, violentos de baixa cultura, entre outros adjetivos. Entre outras afirmações envolvendo jovens entre práticas territoriais, identidades culturais e educação escolar. Vale expor também que a construção dessas identidades e partilhada nos grupos, sugerem práticas de aprendizagem que são apreendidas dentro desses grupos e essa aprendizagem contribui com o diálogo que se perpetua em seus territórios de socialização, chegando a incorporar esse diálogo no convívio da escola já que esse espaço é tido como acolhedor de sujeitos marcados por diferenças sociais, e educar esses sujeitos significa coloca-los em plena condição para reconhecer o seu “eu” e o outro. Educar nessa direção trás resultados muito mais interessantes e significativos por que compreendemos que quando esses sujeitos escolhem assumir a identidade que vai lhe proporcionar o novo, isso é contestável para aqueles que vivem em conflito consigo mesmo e que as instituições não podem perder a capacidade de dialogar com esses sujeitos, não entrar em desavenças, especialmente quando envolve instituições como família e escola, pois “A escola pública que abriga as classes populares tem-se caracterizado como espaço de improvisação e precariedade” (CARRANO, 2008, p. 184).

Isso nos remete a pensar que a escola pública já é um espaço de conflito entre as variantes precariedades a que são acometidas e nesta, estão às classes mais pobres da sociedade que acolhem, onde sua maioria são crianças e jovens. Nesta visão de Carrano (2008) basta entendermos que esses sujeitos inseridos nesta instituição carecem de que as práticas e teorias sejam voltadas para se contrapor ao discurso das políticas públicas precárias.

² Ministrada pela professora Simone Joaquim Cavalcante.

O objetivo central deste estudo versa em analisar e refletir sobre o papel do professor(a) como mediador(a) no processo de construção/compreensão da leitura e da escrita tendo como foco os alunos(as) do 3º ano do Ensino Fundamental na E.E.E.I.F. Professora Concita Barros, destacando as atividades voltadas para o desenvolvimento da leitura e da escrita nesse contexto. A metodologia utilizada para a composição deste trabalho foi realizado através de: leitura e análise dos principais referenciais teóricos, que dialogam de forma direta e indireta com o tema, bem como, reflexões necessárias para compreensão do nosso trabalho; além disto, trazemos nossa experiência docente como fomentadora também das análises e reflexões, compreendendo que a cada uma de nós cabe colocar-nos como sujeito protagonista desses processos.

Esse curso de especialização veio com uma metodologia pronta para somar, com discussões voltadas para a atuação do professor(a) em sala de aula. As aulas foram ministradas presenciais e a distância por meio das tecnologias. Todas as disciplinas foram dialogadas com base nos referenciais teóricos, foram desenvolvidas ainda pesquisas, leituras e indicações, seminários, palestra com os profissionais da Mídia local e vídeo. Além de estudos dos textos com discussões em grupos e apresentações, consolidando o aprendizado através do debate e da interatividade entre todos e todas presente naquele ambiente escolar.

Portanto, foi nessa direção que o Curso de Especialização em Fundamentos da Educação com vistas nas práticas pedagógicas interdisciplinares favoreceu esse aprendizado.

1. REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O PROCESSO DE LEITURA/ESCRITA

2.1 Concepções de ensino-aprendizagem na infância e seus processos de leitura/escrita

Conforme Jaime Luiz Zorzi (1998) *apud* Bacelar e Cunha (2000, p.160) “ Em certo momento da vida de uma criança ela começa a vivenciar situações formais e de ensino que têm por objetivo a aprendizagem da leitura e da escrita”. Isso significa dizer que esse aprendizado é necessário durante sua formação enquanto sujeito, pois já nasce em um mundo dito “letrado”, embora ao longo tempo ela precisa ingressar num ambiente escolar para poder se apoderar dos conhecimentos necessários para sua formação acadêmica. Dessa forma, ainda segundo Zorzi (idem, p. 163) “a criança atua sobre a linguagem escrita com a finalidade de apropriar-se dela, processo este ocorrendo desde muito cedo”, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 de 20 e dezembro em seu Artigo 29 destaca que: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Em relação à atuação das crianças nesse processo de escrita e oralidade faz-se correto aceitar e considerar a postura da criança na hora de registrar a compreensão que ela faz sobre a própria leitura (ou seja, sobre a descrição que está sendo produzida e entendida naquele momento), levando em consideração os erros ortográficos como um processo de interação com a linguagem e a escrita, já que ela (a criança) está começando a entrar nesse universo “letrado”.

É fundamental refletirmos sobre os tipos de práticas através das quais as crianças são introduzidas no mundo da leitura/escrita, bem como sobre a maneira com a qual a linguagem escrita é apresentada pelo intermédio das práticas como diz Freire (1996, p.41) de que “Toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que ensinando aprende outro que aprendendo ensina.” visto que, prática e teoria caminham juntas, direcionando as ações veiculadas em determinados ambiente, que seja adequada, ajustada para determinada ação.

É nessa direção, que compreendemos que as práticas e ações desenvolvidas são levadas ao receptor por meio da teoria enfocando vários segmentos até chegar a conclusão

desses saberes, não me refiro a um saber pronto, pois sabemos que como destaca Freire (1989) não existe conhecimento pronto e acabado, estamos sempre em busca de novos aprendizados, portanto somos seres em constante evolução. Por isso, não podemos esquecer que a aprendizagem é sempre um processo contínuo, que começa na infância e se estende até a vida adulta.

A apropriação da escrita pela leitura é tão importante que o professor(a) precisa aprender a lidar com as intensões dos autores(as) para se chegar a compreensão do que realmente se pretende transmitir como *saber-aprender* e, assim conduzir seu raciocínio adquirido quando perceber conveniente, considerando melhoras e incorporando novas ideias em torno desse universo tão cheio de controvérsia, ao contrario do que se espera dentro de um ambiente escolar que é debater ideias e que a resolução destas ideias venha favorecer a todos os sujeitos da ação envolvida dentro do contexto escolar.

Percebemos que o debate é um espaço de reflexão que permite desenvolver a habilidade de argumentar, escutar opiniões, compreender o colega e confrontar os próprios pontos de vista. Para garantir que a troca de ideia seja produtiva precisamos incorporar conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo. Estes, ao serem consolidados, possibilitam uma leitura mais ampliada e por meio dela cada um (sujeito) constrói sentidos amplos que lhe permita compreender melhor o mundo em que vivemos para poder se situar nele.

A função do professor(a) enquanto mediador(a) e transmissor de informações acerca dos conhecimentos leva em consideração um fator determinante que é a qualidade das diversas interações que ele(a) realiza por meio das quais vão se construindo como sujeitos inseridos na coletividade e atuando na sociedade.

Para Maria Helena Martins(1991, p.12) ressalta que “Os estudos da linguagem vêm revelando cada vez mais e com maior ênfase que aprendemos a ler desde quando começamos a praticar esse exercício de leituras vivenciado em cada espaço onde quer que estejamos”, sabemos que essas leituras acontecem sim, mas necessitamos de orientações para que todo o processo de construção do aprendizado se consolide. Daí compreendermos a importância do papel do professor ou da professora nesse processo de intermediação na construção do conhecimento, um saber que se (re)constrói, a partir, de uma prática dialogada entre docentes e discentes, certamente, “o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo” (FREIRE, 1996, p. 64). Nesta

perspectiva de Freire compreendemos que essa construção se dá a partir das experiências compartilhadas e vivenciadas por todos(as).

A escola o professor e a professora trabalham com a aprendizagem do aluno(a) num processo que não acaba nunca. Para isso, a proposta é que alunos e alunas elabore e reelabore seus conhecimentos e desenvolva sua competência comunicativa, fazendo uso e reflexão sobre a língua. Dessa maneira, os conhecimentos linguísticos construídos serão continuamente aprofundado.

Quando falamos em aprender entendemos: buscar informações rever a própria experiência, adquirir conhecimentos, desenvolver habilidades, adaptar-se as mudanças, mudar comportamentos descobrir o sentido das coisas, dos fatos, dos acontecimentos. Enfim, priorizando o aluno(a) enquanto agente principal e responsável pela sua aprendizagem, onde as ações desenvolvidas estão centradas nos mesmos, em suas capacidades, condições e oportunidades, compartilhando ideias a fim de delinear, organizar, desenvolver e efetivar a proposta que venha viabilizar a construção de determinado conceito de interação com o objetivo de favorecer trocas em trabalhos individuais e em grupos.

Nessa direção, procuro direcionar minhas atividades voltadas para o lúdico, jogos, brinquedos, brincadeiras, leitura e discussões, onde apresento vários recursos de leitura como: encarte, folheto informativo, jornais, revistas facilitando o aprendizado partindo das leituras de mundo.

Minha prática pedagógica está sempre em busca de novas oportunidades todos os cursos oferecidos pela Secretaria de Educação do Estado e do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em: Formação continuada, Proinfo, Pnaic³ estou sempre à disposição e aberta as mudanças, porque sei que só através do conhecimento é que detenhamos o saber, não aquele saber pronto, acabado porque sabemos que ele está sempre em construção.

Nesta perspectiva, procuro sempre está envolvida em propostas sugeridas que sejam voltadas para o aprimoramento dos meus conhecimentos visando um melhor desempenho da minha atuação enquanto profissional da educação, onde a sala de aula seja um espaço pedagógico onde acontecem as interações sociais favoráveis à construção do conhecimento à troca de experiências, informações, ideias e opiniões que contribuem para o crescimento educacional do indivíduo, nela, a ação pedagógica estruturada no trabalho de

³ O Proinfo visa oportunizar o acesso aos diferentes recursos tecnológicos para uso pedagógico no contexto escolar. E o Pnaic contribui para desenvolver no professor e professora habilidades para trabalhar nos primeiros saberes da infância, ou seja, o Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa.

grupos, além de propiciar as necessidades em trocas de informações, criam situações que favorecem o desenvolvimento da sociabilidade, da cooperação e do respeito mútuo entre os alunos(a), garantindo aprendizagens significativas promovendo a aprendizagem dos alunos(a), reconhecendo a importância de envolve-los(as); mobilizar seus processos de pensamentos; explorar todas as dimensões e oportunidades de aprendizagem; fazer e refazer percursos; criar e renovar procedimentos, visando sempre o melhor para ambos os grupos formados com características próprias.

Neste processo, alunos e alunas deverão assumir desde o início o papel de sujeitos criadores, pois educadores e educadoras são, portanto, sujeitos de um processo em que crescem juntos, diferenciando apenas no modo em que o professor(a) enquanto agente principal é responsável pelo ensino-aprendizagem.

Neste sentido, o ensino centraliza-se no professor(a), em suas qualidades e habilidades, por isso, entendo que a aprendizagem, exige uma contínua abertura as modificações tanto por parte do aluno(a) como do professor(a), pois o educador(a) deve valorizar sua prática, precisa também estar disposto a refletir sobre ela e aperfeiçoá-la porque a função do professor(a) será o de ajudar o aluno(a) a aprender, aquele que cria condições para que o aluno(a) adquira informações, organiza estratégias fazendo com que eles/elas conheçam a cultura existente e crie cultura, valorizando a sua atuação enquanto ser participativo. Embora, sabemos que esse discurso está limitado, muitas vezes, “presos” a teoria da resistência, por isso, “é preciso sim, começar a abordar os modos pelos quais cultura e experiência interajam para formar aspectos poderosamente determinantes de ação humana e de luta” (GIROUX e MCLAREN 2011, p. 153).

A partir da vivência e dos estudos voltados para a construção de uma pedagogia crítica os grupos interagem sim, na busca de encontrar apoio para adequar àquelas linguagens de entendimentos crítico que possa ter o reconhecimento dos processos políticos e pedagógicos que venham influenciar e ajudar alunos(as) a se tornarem cidadãos críticos e atuantes em meio a essa sociedade cheia de conflitos e que estamos inseridos num contexto de crise moral.

Como afirma o sociólogo e pensador francês Edgar Morin (1990, p.182), “Que a escola que assume sua responsabilidade social precisa ensinar a esperança e a paz para a reconstrução do homem e do mundo por meio do resgate da cidadania”. Mas percebe-se que raramente a educação do professor(a) tem ocupado espaço público ou político de importância

dentro da cultura contemporânea para com isso ele saber lidar com toda essa dinâmica de mudança exigida atualmente. O professor e professora precisam adequar a relação do sujeito com o conhecimento aos novos tempos, isto é, passar de uma educação conservadora, baseada na transmissão da informação descontextualizada e fragmentada, por uma aprendizagem interdisciplinar, promovendo uma visão completa das necessidades do estudante avaliando o seu progresso, utilizando as novas tecnologias da comunicação e informação no espaço institucional.

Portanto, é necessário construir nas escolas ambientes alfabetizadores favorável a aprendizagem dos educandos das classes populares, construídas a partir da diferença cultural, incorporando a essas diferenças à atualidade cultural dos educandos, a sua história e de seu grupo sociocultural, é preciso também permitir que elas adentre as salas de aula e estas venha fazer com que alunos e alunas aprendam através de sua cultura de origem, e mostrar que tudo que elas vivenciam possam ser escrito de modo que se naquela cultura se comunica bem, se expressa bem, compreende e é compreendida, venha a compreender que tudo que ela fala, pode ser escrito. Levando em consideração sempre esse conhecimento que a criança trás, para que ela se sinta sujeito de conhecimento e ao mesmo tempo, atue no sentido de ampliar ao máximo o seu conhecimento anterior, com vista a novas descobertas que vão surgindo dentro das escolas.

Daí surge a necessidade de se construir o currículo considerando a cultura de origem e a experiência de vida dos alunos(as) como pontos de partida para uma prática pedagógica voltada para atender os anseios daqueles que precisa compreender a escola como espaço de construção/reconstrução de conhecimentos; uma escola comprometida com as crianças das classes populares tem de no mínimo cumprir sua função que é garantir o direito à criança de aprender, construindo para isso um ambiente desafiador e significativo. O que precisamos é utilizar a leitura como fonte de prazer de informação de aprendizagem e como meio de aperfeiçoamento e enriquecimento linguístico e pessoal, explorando todas as possibilidades expressivas oral e escrita da língua, buscando canais de comunicação criativa para o uso dessa linguagem num contexto interativo, aprendemos a aprender, a compartilhar conhecimentos sistemáticos chegando a inserir-se em uma aprendizagem formal que vem se aconchegando em um ambiente alfabetizador, comprometendo-se também em ser um espaço de transmissão/apropriação de conhecimentos e base para a produção de novos saberes.

O cotidiano da sala de aula deixa claro que enquanto educadores precisamos de alguma forma refletir sobre teoria e prática, sobre o seu “eu” individual e social, bem como estar atento às novas descobertas sobre o conhecimento da mente de crianças e jovens, para que eles possam conquistar seu espaço no mundo, fazendo a leitura compreensiva dos fatos e sintam-se criaturas capazes de compreender a realidade social em que vivem.

É com vista para essa temática que procuramos atuar na sala de aula sempre fazendo essa reflexão para que possamos nos situar frente a esses desafios encontrados no universo escolar, desde os recursos materiais, ao distanciamento das famílias, mas, procuro manter o diálogo com a família através do chamamento por escrito mostrando a importância que ela tem junto ao educandário para assim poder delinear o meu público alvo que é o aluno. Como sabemos estamos mergulhados numa era de mudanças e que a sociedade está a cada dia mais conectada neste mundo tecnológico e que precisamos avançar para que nossa prática não fique na mesmice e sim, sermos acolhedores da diversidade, sempre aberta a inovações e acima de tudo comprometidos com a aprendizagem e melhoria do conhecimento.

Ensinar representa um ato nobre que envolve a inserção de mudanças no mundo, e esta ação exige cuidado para a criação de um ambiente direcionado a vivência de situações que propiciem tal processo. É com vista nesse processo e embasada na teoria de Freire (1996) vejo que estar no mundo engloba a vivência de emoções, momentos, lugares e pessoas experimentando a riqueza das coisas e situações usando tal experiência como ferramenta do aprender para ensinar com consciência gerando manifestação no outro, essa capacidade de adquirir conhecimentos e de transformá-lo é ampliada quando nos tornamos mais sujeitos do que objetos inertes desse processo de ensino-aprendizagem, o qual se manifesta de maneira dinâmica envolvendo trocas mútuas de ensinamentos não ficando restrito apenas ao educador a função de passá-lo, este é adquirido a cada contato dessa experiência, sendo oferecidos meios para a própria construção de tal conhecimento oportuno em todo esse contexto o professor tem o papel primordial é como diz Freire (1996, p.27) “Saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Enquanto mediador e transmissor de conhecimentos o professor(a) vai propiciando aos educandos possibilidades para que eles próprios construam suas produções a partir do conhecimento adquirido, no entanto a compreensão sobre quais foram as

aprendizagens realizadas são fundamentais para análises das necessidades para uma posterior intervenção do professor que deve pautar o ensino nas necessidades dos alunos(as) encarando os erros como fonte de reflexão sobre a escrita correta.

Em se falando de educação, escola, sala de aula e ensino-aprendizagem, faz necessário considerar a importância destas duas palavras: alfabetização e letramento, que de certa forma está entrelaçadas fazendo parte de todo o contexto de ensino-aprendizagem, porém apesar delas fazerem parte desse processo, elas tem significados diferentes, e nesta diferença entra alunos de 3º ano, e por estarem em processo de alfabetização, estão se evoluindo para chegar a esse nível de seres letrado, porque sabemos que estamos transferindo a eles(as) essa competência através do incentivo e das amostras de várias tipologias textuais circulantes no meio social e cultural do ser aprendiz (SOARES, 2006). As práticas sociais de leitura e de escrita acontecem em meio a variados tipos de informações

Então a escola tem a função de socializar e de interagir com os sujeitos mirins de alfabetizar letrando com a intenção de envolvê-los ainda em práticas sociais de leituras e escritas, pois sabemos que sem a aplicação dessas práticas o ensino perde sua essência e fica na mesmice de reproduzir só o que está nos livros. Pensando em alfabetização e letramento verificamos a necessidade de envolvê-los(as) nessas práticas dando o suporte necessário de que eles e elas precisam para poderem se apropriar desse conhecimento, já que no Brasil segundo Magda Soares (2006, p.57), revela que o educando ao concluir a 4ª série, hoje 5º ano do ensino fundamental eles(as) já dominem a leitura e a escrita, e já faça o reconhecimento dessas leituras e do uso delas no meio social, embora sabemos o desafio que é despertar o interesse pela apropriação da leitura pelo aluno(a) mesmo sabendo que ela tem de acontecer na vida da criança a partir do início de sua escolaridade, portanto o letramento deve caminhar junto ao exercício da alfabetização, o professor tem o papel fundamental nesse cenário em que ele(a) se torna o mediador de um universo capaz de interferir nas relações sociais e no intelecto do outro, capacitando-o a ser parte integrante na mudança da nação em vista de se alcançar uma nova realidade de ensino-aprendizado e que isso seja refletido na sociedade.

Conforme, Soares (2006), o letramento pode ser um termo novo ao vocabulário da língua portuguesa, mas reconstitui como um desafio desde tempos remotos e, ainda mais pertinente atualmente em que se observa uma decadência na relação da leitura com o dia-a-dia em virtudes das informalidades em que são tratadas as relações e dos avanços tecnológicos que parecem oprimir o intelecto suprimindo o desejo de evolução para a manutenção das relações.

É visível o contraste nos índices de analfabetismo quando compara-se o Brasil aos países de primeiro mundo, aos quais apresentam valores próximos de zero, quando se refere a esses fatos, entretanto nesse cenário é crescente a preocupação à capacidade de letramento, o que é observado na dificuldade de botar em prática o ato de leitura e escrita, até mesmo em atividades simples que demandam o mínimo de domínio de tal informação.

No Brasil o que mais é avaliado é o nível de analfabetismo no país, o que é uma condição muito limitada tendo em vista que o indivíduo alfabetizado apenas apresenta a capacidade de deduzir e escrever palavras, não levando em consideração a socialização e o aprimoramento de tais práticas, o que implica a necessidade na avaliação do grau de letramento da população, como bem ressalta Magda Soares (2006). Isso nos remete a entender que as informações só serão compreendidas, se o aprendiz estiver em pleno domínio de seu mundo alfabético que se dá a partir do conhecimento adquirido por meio de uma construção coletiva e interativa, porque seres alfabetizados são aqueles que conseguem dominar a leitura e a escrita de modo formal. Portanto, alfabetizar é o ato de ensinar a aprender a ler e escrever. Enquanto que o letramento é o processo de desenvolvimento das habilidades do ler e escrever assegurando o domínio que envolve a língua escrita. Isso significa dizer que o letramento é uma espécie de preparação para a alfabetização. Que segundo a professora e pesquisadora Magda Soares (2004) são processos diferentes, mas complementares e inseparáveis.

Para avançar na discussão com vista a perspectiva teórica as quais nortearam todo este trabalho digo que, ele está voltado para o ensino da linguagem e da escrita centrada nos discursos sociais com propostas de ampliarmos estas discursões para situarmos melhor frente aos desafios.

2. UMA REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO 3º ANO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA CONCITA BARROS.

2.1 Práticas e reflexões pedagógicas de leitura e escrita: o papel do professor(a) e sua mediação.

A valorização da leitura e da escrita se dá a partir do momento em que começamos a pôr em prática esse exercício de ler, compreender e registrar, partindo de leituras e produção de textos vivenciados no ambiente doméstico como: bilhetes, exploração de encartes, entre outros textos instrucionais. Acredito que enquanto professores e professoras temos um papel fundamental na sala de aula que é conduzir os alunos(as) a construir o hábito e o gosto pela leitura. Por isso organizei na sala de aula um “cantinho de leitura”, ou seja, a exposição de vários livros Paradidáticos, revistas para que eles e elas pudessem vivenciar a leitura e a escuta de vários gêneros textuais⁴, como podemos observar na fotografia abaixo.



⁴ Gêneros textuais compreendem: poesia, textos instrucionais, parlendas, adivinhas, entre outros.

Nesta atividade eles(as) aprenderam a respeitar o outro na hora de ler e ouvir, na troca entre os diversos acervos de leitura e discussão sobre os elementos que os textos apresentaram como: título, informações sobre a obra e momento descritivo-narrativo e do modo como estão organizados, compondo a estrutura.

Para Bakhtin (2000, p. 279) apud Leal e Lima(2012, p. 20) “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”. Dessa forma “enfoca que os gêneros circulam na sociedade” (LEAL e LIMA, 2012, p.20). Introduzindo-os na escola, fazemos com que o que se ensina na escola seja mais claramente articulado ao que ocorre fora dela. Com isso aproveito para mostrar o quanto é útil e delicioso mergulhar nas páginas de um livro. Faço uma alerta sobre a necessidade e a exploração do ato de pesquisar e entrevistar pessoas da família: pais, avós, tias, sobre as brincadeiras de antigamente, isso gera uma roda de conversa sobre a importância de preservar essas brincadeiras. Procuro interdisciplinarizar às atividades propostas, priorizando a leitura compreensiva, e socializando esse momento de interatividade, distribuo-os em grupos para juntos analisarem as perguntas e utilizando palitos eles(as) efetuam as adições presente na cartela e após respondidas as perguntas os grupos se juntam para conferirem os resultados. Com esta atividade as crianças desenvolvem não somente a questão da leitura/escrita, mas também, a pesquisa, a entrevista, interação, a matemática entre outros significados subjacentes à própria atividade, conforme verificamos na atividade exposta a seguir.

TRABALHANDO COM MATEMÁTICA

A turma de Fernanda e do Felipe foi entrevistada, na Semana do Folclore, para saber qual brincadeira antiga era a preferida por eles.

Chegou-se à seguinte conclusão:

BRINCADEIRAS	MENINAS	MENINOS	TOTAL
RODA	7	3	10
5 MARIAS	8	9	17
BENTE ALTAS	4	13	17
MARIA VIOLA	5	2	7
BOLINHA DE GUDE	2	15	17
AMARELINHA	18	5	23

Observando a tabela acima, responda:

- Qual o n.º de crianças entrevistadas ?
- A escola de Fernanda e Felipe tem 10 vezes o n.º de alunos da sala deles. Quantos alunos a escola tem ao todo ?
- Qual a brincadeira preferida dos meninos ? E das meninas ?

As crianças utilizaram o método da entrevista, juntamente com os recursos: números emborrachados, tabelas, e palitos para efetuar os resultados, consolidando a aprendizagem.

Na produção de texto, estímulo primeiro com uma leitura envolvendo o tema, despertando neles(as) o conhecimento prévio sobre a produção sugerida, criando e

promovendo a interação, estimulando a comunicação escrita, dando pleno direito à palavra ao aluno(a) fazendo com que abordem a escrita de maneira produtiva. E para que todas essas atividades surtam efeitos positivos, procuro me inteirar da dinâmica, interferindo de modo efetivo na aprendizagem da escrita, priorizando as inúmeras formas de diálogo e interação, focando diretamente na observação do envolvimento e do interesse de todos(as) e em todas as situações, provocando, estimulando e desafiando a curiosidade e a criatividade.

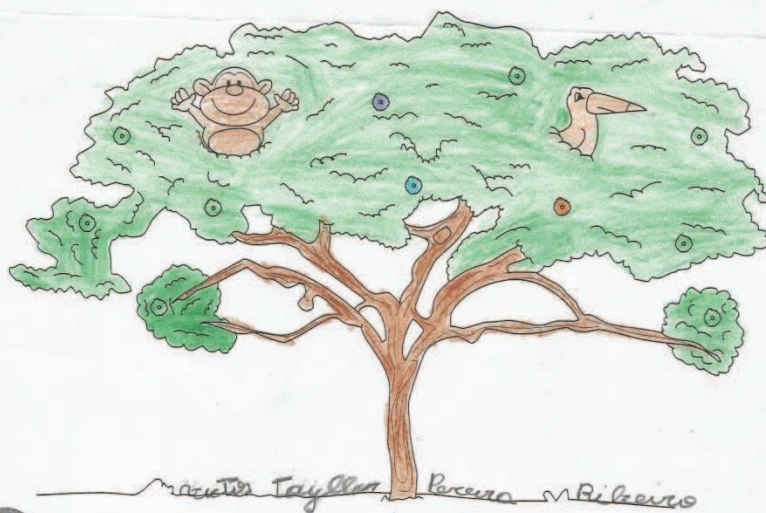
Como atividade, por exemplo, propomos a observação da paisagem de uma árvore descrevendo com precisão o seu entendimento acerca da ilustração.

ata: _ _ _

Atividade

▲ Como as árvores contribuem para a vida dos animais?

as pássaros tem ninho nas árvores
 as árvores dão fruto tipo manga.
 Camaleões vive na árvore
 um Tucano descansa nas árvores
 as árvores também tem cascas
 as cascas das árvores pegam
 muito queimado muito de queima
 as folhas que as árvores



30

nome:

Com esta atividade eles/elas (ou seja, as crianças) aprenderam sobre a importância e a utilidade das plantas, e do que produzem em benefício de todos os seres vivos, e que a partir desse entendimento puderam elaborar esta produção, dando opiniões explícitas e claras a respeito do tema, assim vão aos poucos se apoderando da leitura e da escrita que estão intrinsecamente interligadas nesse processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, meu trabalho didático cria estratégias que fortalece o desenvolvimento de competências, habilidades e capacidades e abre possibilidades para que eu possa desenvolver minhas ações, articulando de forma interativa as quatro atividades linguísticas básicas: falar/ouvir, escrever/ler, a partir de variados gêneros textuais nas várias áreas do conhecimento. Para tanto, verificamos que “situações em que, linguagem oral, linguagem escrita, leitura e produção de textos se inter-relacionam de forma contextualizada, pois quase sempre envolvem tarefas que articulam diferentes conteúdos” (BRASIL, 1998, p.12) em uma importante interrelação de práticas de aprendizagem.

Então entre as múltiplas formas de exploração de conteúdos e de várias abordagens metodológicas primo sempre pelo diálogo, a interação e a socialização dos conhecimentos lá da vivência do dia-a-dia do aluno(a) ou seja, o conhecimento de mundo real e concreto dando autonomia e responsabilidade para que seus conhecimentos sejam respeitados dentro desse espaço escolar que visa acatar e aprimorar as competências. Desse modo, conforme Silva (2003, p.10, apud Leal Albuquerque e Moraes, 2007 p.99), apud Barros –Mendes et. al(2012, 13) destaca que:

O espaço educativo se transforma em ambiente de superação de desafios pedagógicos que dinamiza e significa a aprendizagem, que passa a ser compreendida como construção de conhecimentos e desenvolvimento de competências em vista da formação cidadã.

Considerando inúmeras fontes de leitura e aprendizado vivenciados dentro desse universo escolar, proponho aos meus alunos(as) situações de interação mediadas por diferentes gêneros textuais como objeto de ensino e como instrumentos de socialização. Outra atividade que desenvolvo em sala de aula para despertar o gosto pela leitura e pela produção de textos instrucionais foi o trabalho com receitas caseiras, por exemplo. Distribuo os textos desordenados fazendo com que eles/elas observem a desordenação dos mesmos, e compreenda a sequência formal, em seguida façam o registro de forma ordenada. Vejamos:

Depois

Trabalho em Grupos

Ordenando Textos

GRUPO 2:

Recheio:

- 1 pimentão picadinho
- 3 tomates picados e sem sementes
- 2 cebolas em rodelas finas
- Azeite à vontade
- 1 colher de vinagre
- 1 colher de sal

Bolo salgado fácil

Modo de Preparo:

Bata no liquidificador todos os ingredientes da massa.

Em uma forma refratária untada, coloque metade da massa, espalhe os ingredientes do recheio um a um e coloque o restante da massa.

Asse em forno quente, por 30 minutos.

Massa:

Bolo salgado fácil

Ingredientes

1- Pimentão picadinho

3- tomates picados e sem sementes

2- Cebolas em rodelas finas

azite à vontade

1- colher de vinagre

1- colher de sal

Modo de Preparo

Bata no liquidificador todos os ingredientes da massa.

Em uma forma refratária untada, coloque metade da massa, espalhe os ingredientes do recheio um a um e coloque o restante da massa. Asse em forno quente, por 30 minutos.

A atividade foi realizada em grupos, os quais receberam vários textos desordenados indicados receitas culinárias (caseiras), logo em seguida eles(as) se apoderaram da leitura com o objetivo de descobrir o diferencial naqueles textos, onde puderam vivenciar a interação e a socialização, chegando a compreensão de fato. Logo após fizeram o registro do texto ordenado com a apresentação dos grupos.

Nessa direção com vistas a criar situações de interação mediada por diferentes gêneros orais e escrito que me posiciono frente a esse modelo de aquisição de conhecimentos que visa apoderar do ser em construção ajudando-os a participar de várias situações sociais, agregando as relações entre fala e escrita, reflexões sobre semelhanças e diferenças entre textos orais e escritos, isso conduz a situações de interpretações dessas espécies textuais levando os alunos e alunas a questionamentos sobre as dificuldades que eles possam demonstrar a cerca das áreas de cada conhecimento. Segundo Solé, (1998, p.47) apud Leal e Lima(2012, p. 16) “Se ensinarmos um aluno a ler compreensivamente e a aprender a partir da leitura estamos fazendo com que ele aprenda a aprender, isto é, com que possa aprender de forma autônoma em uma multiplicidade de situações”. em meios a tantos desafios encontrados em sala de aula como a ausência da família, a falta de atenção de alguns alunos e a indisciplina, isso leva muitas vezes a distanciar o aluno dessa compreensão tão essencial para a construção do saber. Porém, não desanimo, porque o respeito aqueles que estão alheios

a dinâmica da aprendizagem não são negados, porque sei que ensinar exige o saber cuidar, criando e proporcionando situações coerentes e condizente com a minha prática, na condição de que eles(as) vão se transformando se construindo como sujeitos em busca de superação para que possa participar deste processo de igual por igual, em consonância com o diálogo de Paulo Freire(1996, p.64), “Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência entre o que digo, o que escrevo, e o que faço”. E na certeza de que somos seres inacabados e conscientes de nossos atos e ações em meio a esses desafios, temos o discernimento de mostrar possibilidades que venha favorecer a reflexão em torno de variados conceitos que direcione os alunos(as) a adquirirem o conhecimento construído a partir das mobilizações em prol da leitura e escrita vivenciadas nas situações de interações das quais se busca informações que deem condições para realizar as interpretações surgida no universo da sala de aula.

Nesse espaço acontece inúmeras atividades voltada para a dinâmica da leitura e escrita, e foi com esse entusiasmo que desenvolvemos um projeto sobre receitas culinárias, e com o encerramento das atividades de pesquisa, entrevista, entre várias leituras contidas em textos instrucionais, em rótulos de embalagens alimentícias, em encartes de supermercado entre outras, e depois de várias tentativas de produções, decidimos construir um livro sobre atividades culinárias e aí está o resultado como mostra a fotografia seguinte.



Esta atividade de produção foi feita individual, uns desenharam o prato (comida) e em seguida fizeram uma produção textual. E outros fizeram a colagem do alimento, pesquisaram a receita e anotaram abaixo. Após a realização individual, houve a socialização com a junção de cada produção consolidando assim a confecção do livro.

Por fim, ressaltamos que o desenvolvimento destas atividades foram direcionadas no sentido de atender às necessidades dos aprendizes, além de interagir com os mais variados gêneros discursivos (orais e escritos), privilegiando-se, a competência de compreender e produzir nas suas diversas situações de interação. Nesta perspectiva, o trabalho com o ensino e aprendizagem da leitura e escrita deve ser flexível, diversificado, propondo ao aluno(a) condições para que eles(as) evoluam dentro de seus próprios ritmos. E como mediadora deste processo de construção do aprendizado das crianças, vejo que o desenvolvimento da leitura e escrita ocorra durante toda a escolaridade, porque são práticas centrais da escola que tem a função de incorporar na criança, à cultura do grupo em que vive.

A escola onde leciono, e na qual me situei para desenvolver este estudo, está situada num bairro da periferia de João Pessoa que tem um quadro de profissionais bastante resumido e que a presença de um psicólogo para dar suporte a nós professores, às vezes faz falta. A Escola Estadual Professora Concita Barros, dispõe de 10 turmas distribuídas nas séries do 1º ao 5º ano nos turnos manhã e tarde, assistida por uma clientela estudantil que necessita de um olhar pertinente que persista na busca de chegar a construção da cultura do saber, isso a escola está empenhada na luta para poder atingir sua meta que é desenvolver nos seus educandos o conhecimento necessário para que sintam-se seres capazes de atuar de forma participativa utilizando suas habilidades e competências de forma consciente.

Porém, o problema mais difícil que vivenciamos no ambiente escolar é o distanciamento da família tanto presencial como no auxílio nas atividades do para casa. Sentimos a lacuna deixada por esse fator tão essencial na fundamentação escolar da criança que é a família. Dia-a-dia somos levadas a chegar junto dos alunos (alunas) fazendo com que a leitura se faça presente na vida cotidiana não por obrigação mas, por puro prazer, fazendo desse aprendizado a sua realização pessoal e social. Acreditamos que conseguimos com êxito passar essa mensagem de otimismo, de perseverança, onde o acerto primordial está na satisfação, no gosto e no prazer pela leitura e escrita.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem uma função social entre os indivíduos, mas, que necessita de um cuidado e um aperfeiçoamento ainda maior para inseri-la no plano escolar onde os sujeitos estão inseridos. E o pleno desenvolvimento de habilidades e competências faz a diferença dentro de uma proposta pedagógica que visa o pleno desenvolvimento dos aspectos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita desde o início da escolaridade, para isso, é necessário distribuir o tempo pedagógico de forma equilibrada e individualizada, entre atividades que estimulem esses dois componentes: a língua por meio de seus usos sociais e o sistema de escrita com atividades que estimulem a consciência fonológica.

É preciso ressaltar que quanto maiores forem as oportunidades de uso e reflexão sobre a escrita/leitura, maiores serão as possibilidades de aprendizado.

De maneira a incluir no debate e na discussão em torno da educação de crianças destacamos as práticas pedagógicas como aliada desta discussão, as trajetórias e experiências diversas, promoveu um diferencial para essa construção juntamente com as indicações de leituras e pesquisa que nos foi proporcionado e encontradas na fala de importantes teóricos como: Paulo Freire(1989) e Maria Helena Martins(1991), entre outros mencionados no percurso deste trabalho. Contudo surge uma oportunidade renovada para a construção de um novo olhar sobre a elaboração de novas práticas que de fato valorize o sujeito aprendiz respeitando como um ser capaz e o seu espaço como algo vivo e pulsante.

As transformações pelas quais o mundo atual passa apontam para a necessidade de uma sociedade mais inclusiva em que a solidariedade e o respeito às diferenças sejam valores cultivados por todos e todas.

Acredito que este estudo possibilita refletir, discutir, promover e elaborar questionamentos a educação, contribuindo para significá-la, para fortalecer os ânimos de nossos educandos que vem lá da periferia sem perspectiva e sem o menor estímulo para ingressar nesse espaço oferecido as crianças em processo de aprendizagem no âmbito da educação formal.

A escola tem a responsabilidade de propiciar para as crianças experiências de alfabetização que os pais estão na impossibilidade de lhes proporcionar. E a realização deste estudo versa promover a reflexão sobre a responsabilidade de levar ao educando mensagem de incentivo estimulando para mudanças de atitudes incoerentes visando promover a formação de novos hábitos em relação a um novo olhar sobre a leitura e a escrita, que muitas vezes se distanciam de nossos alunos(as). Diante dessa reflexão pensaremos em diagnosticar que o sucesso do processo de alfabetização se dar através do posicionamento do professor em sensibilizar o aluno(a) a encontrar o caminho e o prazer pela descoberta de falar, ler e escrever, utilizando-as para desenvolver a capacidade de pensar e se posicionar diante eventuais situações. Tornando um sujeito ativo e participativo aquele que sente capaz por ser valorizado dentro do seu ambiente e fora dele. Segundo, Freire (1996, p.14), “verdadeiras aprendizagens os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado ao lado do educador”.

Meu papel enquanto professora e agente nessa discussão, é refletir constantemente sobre o objetivo de ensino, procurando conhecer o que meus alunos(as) já sabem sobre o objeto de conhecimento para organizar minhas intervenções com a intenção de corrigir os “erros”, acreditando que o “erro” é uma etapa importante no processo de aprendizagem, porque é a partir daí ou do diagnóstico preciso sobre como eles(as) estão recebendo essas informações do saber, é que posso planejar a intervenção para que alunos e alunas avancem na perspectiva de se tornarem agente do conhecimento em ação. Para tanto, insiro no planejamento uma rotina com as práticas de leitura, linguagem oral e escrita, obedecendo o critério de fazer uma leitura diariamente, onde procuro juntar a essas leituras vários gêneros textuais, para assim fazerem uma análise e reflexão sobre o sistema de escrita. E nas minhas observações no desenvolvimento desse estudo, percebi que o aprendizado aconteceu de maneira gradativa, onde pudemos associar vários conceitos incluindo a pertinência pela busca do conhecimento acerca da temática com a convicção de que todo trabalho quando se faz com seriedade com compromisso o resultado positivo acontece, e nessa experiência os objetivos foram alcançados porque fomos incentivados a refletir sobre a função social do grupo a que fazemos parte, buscando sempre estimular comportamentos, verificando os acertos, refazendo o não entendido na perspectiva de diversificar instrumentos que não viabiliza mecanismo para o aprendizado. Mas, dentro desse estudo criamos oportunidades para que a pesquisa, experimentação, dramatização, trabalho coletivo, coleta de dados realizando atividades em duplas, em grupo, além de trabalhos individuais, privilegiando a avaliação que exija atitudes reflexiva e não apenas memorização, valorizando aquilo que é fundamental : o estabelecimento de relações, a interpretação de dados e ideias, a capacidade de produzir explicações e conclusões próprias. Mas o acompanhamento das atividades no dia-a-dia dos alunos(as) torna-se valioso para a compreensão desde que os mesmos emita opiniões, levante hipóteses, critique, construa novos conceitos e busque novas informações. Além disso, observamos nas atitudes dos educandos a responsabilidade , a cooperação, a organização e outros modos de agir.

Ao concluir este curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, dirigida pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no período de 1(um) ano, apoderamos do conhecimento pedagógico como construção da realidade, compreendendo que este curso atendeu as nossas expectativas, enriqueceu nossos conhecimentos e melhorou minha prática pedagógica, no sentido de construir seres críticos e

participativos na sociedade em que estamos inseridos. Finalizo com a certeza de que o aprendizado adquirido e as atividades desenvolvidas no decorrer do curso serviram como norteadores para enfrentar as leituras, pesquisas e o registro de todo o aprendizado adquirido durante e após o percurso.

4. REFERÊNCIAS:

BACELAR, Lucidalva Pereira e CUNHA, Maria Josenilde Costa. *Metodologia do Ensino de Português*. Fortaleza/CE, 2000.

BARROS-MENDES, Adelma; CUNHA, Débora Anunciação e TELES, Rosinalda. Organização do trabalho pedagógico por projetos didáticos. In: BRASIL. *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional*. Pacto nacional pela alfabetização da idade certa: planejamento e organização da rotina na alfabetização: ano 3: unidade/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. PNC/Língua Portuguesa (1º e 2º Ciclos). Brasília, MEC/ SEF. 1998.

CARRANO, Paulo. Identidades, culturais juvenis e escola: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antônio F. Barbosa & CANDAU, Vera Maria (orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 23ª ed. São Paulo, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes docentes à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vigotsky e Benjamin*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

LEAL, Tema Ferraz e LIMA, Juliana de Melo. Rotina na alfabetização: integrando diferentes componentes curriculares. In: BRASIL. *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional*. Pacto nacional pela alfabetização da idade certa: planejamento e organização da rotina na alfabetização: ano 3: unidade/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 13º ed. São Paulo, 1991.

MORIM, Edgar. *Ciência com consciência*. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.